

Fotografia e História da Educação Profissional: reflexões sobre possibilidades de pesquisa

Photography and History of Professional Education: research possibilities

Recebido: 28/03/2024 | **Revisado:** 21/06/2024 | **Aceito:** 21/06/2024 | **Publicado:** 10/08/2025

Maria Augusta Martiarena

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1118-3573>
E-mail: augusta.martiarena@osorio.ifrs.edu.br

Como citar: MARTIARENA, M. A. Fotografia e História da Educação Profissional: reflexões sobre possibilidades de pesquisa. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, [S.l.], v. 02, n. 25, p.1-19 e17127, ago. 2025. ISSN 2447-1801. Disponível em: <Endereço eletrônico>.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo

O presente artigo, resultado de estudo apresentado na mesa “Imagens e fotografia: fontes para análise do mundo do trabalho”, propõe desenvolver uma reflexão sobre a utilização da fotografia como fonte de pesquisa a partir da minha experiência como pesquisadora. Para tanto, foram abordados dois estudos: um sobre a Escola de Artes e Ofícios e o Patronato Agrícola Visconde da Graça (ambos de Pelotas) e outro sobre os trabalhadores ambulantes. Percebe-se que as fotografias apresentam-se como fontes muito profícuas para o estudo da História da Educação Profissional e das relações entre Trabalho e Educação.

Palavras-chave:

Fotografias; Artes e Ofícios; Patronato Agrícola; Trabalhadores Ambulantes; História da Educação Profissional.

Abstract

This article, the result of a study presented at the Table “Images and photography: sources for analyzing the world of work”, aims to develop a reflection on the use of photography as a source of research based on my experience as a researcher. To this end, two studies were addressed: one on the School of Arts and Crafts and the Patronato Agrícola Visconde da Graça, both in Pelotas) and another on street vendors. It is clear that photographs are very useful sources for studying the History of Professional Education and the relationship between Work and Education.

Keywords:

Photographs; Arts and Crafts; Agricultural Patronage; Itinerant Workers; History of Professional Education.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, resultado de estudo apresentado na mesa “Imagens e fotografia: fontes para análise do mundo do trabalho”, propõe desenvolver uma reflexão sobre a utilização da fotografia como fonte de pesquisa a partir da minha experiência como pesquisadora no âmbito da História da Educação, mais especificamente, no âmbito da História da Educação Profissional. Nesse sentido, compreendo que a História da Educação Profissional, oriunda da área de Trabalho e Educação, mas com interlocução direta com a História da Educação, caracteriza-se pelo hibridismo. Bourdieu (1983) propõe-nos que o campo científico, considerando-se suas características enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas, as quais assim se constituíram a partir de lutas anteriores, é o espaço de jogo de uma luta concorrencial. A partir de tais afirmações, considero viável pensar tal área como um campo emergente. A própria História da Educação já é caracterizada por um hibridismo entre a História e a Educação. Para tanto, inicio, então, com uma consideração acerca do estudo da educação em perspectiva histórica. Sureda (1978) afirma que:

A história da educação se encontra intimamente relacionada com a história das estruturas mentais, dos modelos ideológicos e dos padrões de comportamento. Todos esses aspectos da realidade humana passada e que, claro, têm uma grande importância ao explicar esta realidade [...] (Sureda, 1978, p. 37, tradução nossa)¹.

Nesse sentido, Magalhães (2010, p. 19) adverte que:

Mais do que uma área ou domínio técnico-científico, a educação é um complexo plurifacetado e categorial transformativo, escalar, interdisciplinar, com uma geografia variável e, directa ou indirectamente, afectado por ideologias.

Ao pautar-me nas afirmações de Sureda e Magalhães, entendo que se faz necessário pensar a Educação Profissional com vistas ao contexto educacional dos períodos estudados, mas sem perder a perspectiva de sua intrínseca relação com o mundo do trabalho. Tendo em vista o que afirma Ciavatta (2015):

A Educação Profissional é o *locus* mais visível da educação pelo trabalho, seja no sentido técnico e tecnológico, seja no sentido político, como movimento que oscila nas duas direções: quer como educação pelo trabalho na sua negatividade, enquanto submissão do trabalhador e expropriação do trabalho, quer na sua positividade,

1 Texto original: “La historia de la educación se encuentra íntimamente relacionada con la historia de las estructuras mentales, de los modelos ideológicos, y patrones de comportamiento. Todos estos aspectos de la realidad humana preterita y que por supuesto tienen una gran importancia a la hora de explicar esta realidad [...]”.

enquanto espaço de conhecimento, de luta e de transformação das mesmas condições (Ciavatta, 2015, p. 32).

Após essas considerações iniciais sobre o campo da História da Educação Profissional e sobre a necessidade de ter em conta tanto os elementos estruturais e conjunturais que pautam a educação, sejam as legislações, as instituições ou as práticas, quanto a necessidade de ater-se às pungentes relações com o mundo do trabalho, passo a abordar a fotografia como fonte de pesquisa. O fotógrafo catalão Fontcuberta alerta que “A história da fotografia pode ser contemplada como um diálogo entre a vontade de aproximarmo-nos do real e as dificuldades para fazê-lo”, (Fontcuberta, 1997, p. 12, tradução nossa)².

A afirmação do autor remonta ao tardio ingresso das fotografias ao arsenal de fontes dos pesquisadores em História e, conseqüentemente, em História da Educação. Ainda que a abertura aos documentos não oficiais e fontes que não são necessariamente escritas tenha ocorrido no âmbito da Escola dos Annales, no que se refere à História da Educação, foi apenas no final dos anos de 1990 e notadamente na primeira década do século XXI que se percebeu, a partir de publicações em revistas científicas, a utilização da fotografia como fonte de pesquisa na área. E, ainda que as publicações tenham crescido ao longo das décadas, há um número menos expressivo em relação a outras fontes, notadamente as escritas. Com o intuito de fomentar tais reflexões acerca da fotografia como fonte de pesquisa, inicia-se com uma discussão teórica sobre o tema e, posteriormente, realiza-se uma abordagem a partir de alguns estudos.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A FOTOGRAFIA COMO FONTE DE PESQUISA

É importante ter em conta que a imagem fotográfica é representação do real, não a tradução fidedigna do real em si, tendo em vista a adequação de quatro para duas dimensões, de um mundo esférico e amplo para um formato retangular.

Na imagem, o mundo ganha bordas, limites impostos pela tecnologia da reprodução fotográfica. Logo, fotografia é reprodução e representação: reprodução, pois a fotografia capta uma cena que é reproduzida; representação, porque tal cena é uma escolha e, dessa forma, relaciona-se a uma série de escolhas que levam ao seu resultado.

Para tanto, deve-se levar em consideração o que afirma Fabris (1991) no sentido de que pensar a fotografia não implica apenas refletir sobre certo tipo de imagem ou sobre um sistema de trocas simbólicas. Tal reflexão requer bem mais, pois, desde o início: a fotografia demonstrou ser um agente de conformação da realidade em um processo de montagem e de seleção, no qual o mundo se revela “semelhante” e “diferente” ao mesmo tempo.

A verossimilhança e as diferenças constituem-se características fundamentais do fazer fotográfico. Embora a convivência de tais traços concomitantemente possa

2 Texto original: “La historia de la fotografía puede ser contemplada como un dialogo entre la voluntad de acercarnos a lo real y las dificultades para hacerlo”.

parecer algo contraditório, essa prática faz parte da essência da fotografia, da essência da imagem, pois toda imagem é representação: pinturas, gravuras, xilogravuras, cuja intenção foi, até o advento da fotografia, a reprodução fiel da realidade, em um estudo metódico de gestos e cores.

A fotografia, por sua filiação à era industrial, pela sua reprodutibilidade técnica, como assim caracterizaria Benjamin (2012), já foi considerada como comprovação da realidade, veja-se, por exemplo, sua utilização no fotojornalismo. Mas, tendo em vista, a seleção e organização que a caracterizam, chama-se a atenção para o que nos atenta Kossoy (2001) sobre o fato de a fotografia tratar-se da segunda realidade, uma vez que a primeira realidade é aquela sobre a qual nos questionamos, a vontade de nos aproximarmos da realidade mencionada por Fontcuberta (1997), apesar das dificuldades e desafios de nos aproximarmos dela, como o fotógrafo nos aponta.

De acordo com Borges (2003), longe de ser um documento neutro, a fotografia cria formas de documentar a vida em sociedade. Para essa autora, mais que a palavra escrita, o desenho e a pintura, a pretensa objetividade da imagem fotográfica veiculada nos jornais não apenas informa o leitor – sobre datas, localização, nome de pessoas envolvidas nos acontecimentos – sobre as transformações do tempo curto, como também cria verdades a partir de fantasias do imaginário, quase sempre produzidas por frações da classe dominante.

A dificuldade em aproximar-se da primeira realidade é um desafio, mas questiono-me: qual fonte de pesquisa, escrita ou iconográfica, oficial ou não, leva-nos impreterivelmente à realidade do objeto estudado? Trabalhar com fotografias requer rigor metodológico, organização e comparação com outras fontes. Contudo, não sei em que medida a afirmação que aqui trago, não é redundante ao pensar quaisquer outros tipos de fontes. Para tanto, abordo alguns estudos que desenvolvi para tecer reflexões acerca da utilização da fotografia como fonte de pesquisa.

3 POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA A PARTIR DO ESTUDO DAS IMAGENS DA ESCOLA DE ARTES E OFFICIOS E DO PATRONATO AGRÍCOLA VISCONDE DA GRAÇA (PELOTAS)

Foi no final do século XIX que a escola ganhou um papel primordial na formação dos cidadãos da república nascente, fosse com o intuito de republicanizar, disciplinar e afirmar o regime, ou com o objetivo de reduzir o analfabetismo que ainda atingia níveis altíssimos.

Para fomentar as reflexões a que este artigo propõe-se, foram selecionados dois estudos, um deles inserido em minha tese de doutorado, intitulada “Instituições e práticas escolares como representações de modernidade em Pelotas (1910-1930): imagens e imprensa”, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, linha de pesquisa Filosofia e História da Educação, no ano de 2012. O outro estudo refere-se à análise apresentada no capítulo denominado “Trabalho e fotografia: um estudo sobre o trabalho ambulante no Rio de Janeiro, durante a gestão do prefeito Pereira Passos” (Martiarena; Schussler, 2023), publicado na obra de Maria Ciavatta “Fotografia como fonte de pesquisa: da história da educação à história do trabalho-educação”, no ano de 2023. Eu e minha

orientanda, Clarice Schussler, dedicamo-nos a estudar a fotografia na dissertação “Homens de pequenas profissões: a fotografia na construção de representações sobre o trabalho ambulante na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX” (Silva, 1998), que foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, por Renata Augusta dos Santos Silva, orientada por Ana Maria Mauad e defendida em 1998.

Inicia-se, então, com as fotografias da Escola de Artes e Offícios. As fotografias da Escola de Artes e Offícios de Pelotas e do Patronato Agrícola Visconde da Graça foram fontes de pesquisa investigadas em minha tese de doutorado.

3.1 A ESCOLA DE ARTES E OFFÍCIOS: ASPECTOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA ESFERA URBANA DE PELOTAS

Em primeiro lugar, antes de uma abordagem direta às fotografias da referida instituição, faz-se necessário contextualizar a implantação de uma escola que objetivava atender aqueles que eram denominados desvalidos da fortuna. Nesse mesmo sentido, ressalta-se a importância de promover o cruzamento com outras fontes de pesquisa. A imprensa, na década de 1920 e 1930, constituiu-se em um espaço de promoção de formas de agir e pensar, dessa forma, sua análise, em conjunto com as fontes iconográficas, possibilita a reflexão acerca das significações atribuídas às imagens.

No estudo buscaram-se notícias acerca das instituições estudadas e verificou-se que a implantação da Escola de Artes e Offícios foi muito divulgada na imprensa pelotense, notadamente no jornal Opinião Pública. Tendo em vista a necessidade de problematizar tanto o objeto como a fonte de pesquisa, foram selecionados estudos em que fosse identificada a vinculação político-partidária do periódico. Dessa forma, ressalta-se que embora os editores do periódico apresentassem-se como defensores do interesse público e pressupusessem uma neutralidade política, em vários momentos a propriedade do jornal esteve nas mãos de integrantes do Partido Republicano Rio-Grandense – PRR. Tal partido político esteve à frente da gestão em esfera municipal e estadual por praticamente toda a Primeira República. Considera-se importante realçar esse ponto pela estreita relação entre o órgão e o poder político vigente.

O mesmo jornal, em matéria do dia 25 de maio de 1918, noticiou a simpatia com que o município recebia a notícia da criação dessa instituição:

É com a mais accentuada sympathia que o povo pelotense assistirá amanhã ao lançamento da pedra fundamental da Escola de Artes e Offícios. [...] A preparação technica de um povo tem uma importância de tal ordem que se torna desnecessário insistir sobre esse assumpto. E a grandeza de uma nação não se faz unicamente nas escolas de medicina, de letras, de mathematicas, de especulações metaphysicas, de altos estudos, e sim, também, na cultura technica da população em geral, na educação do operariado manual, o concretizador dos fructos da intelligencia humana (Opinião Pública, 25 de maio de 1918).

A leitura do trecho anteriormente mencionado deixa desvelar um discurso de modernidade por meio da formação do operário industrial, o qual já se encontrava presente nas falas de Nilo Peçanha quando da criação da rede de escolas de aprendizes artífices. Destaca-se, ainda, que a dicotomia entre uma educação para as elites (medicina, letras, matemáticas e especulações metafísicas de altos estudos) e uma educação para as camadas pobres da população (cultura técnica, educação do operariado manual, que concretizaria os frutos da inteligência humana) está presente.

Tal excerto não aponta para o assistencialismo que caracterizou muitas outras notícias veiculadas na imprensa pelotense sobre a salvação da pobreza, cuja tendência inerente à criminalidade encontraria na formação para o trabalho a sua redenção. As notícias que apontavam para esse sentido foram abordadas em minha tese e em Oliveira (2020). Em tais estudos destaquei a articulação proposta pelos órgãos da imprensa, notadamente jornal A Opinião Pública, jornal O Rebate e jornal Diário Popular, os quais consideravam o trabalho como elemento redentor para as camadas populares, bem como defendiam propostas que vinculassem educação profissional e ensino primário. Tais periódicos corroboravam, ainda, a dicotomia entre uma educação para os pobres e uma educação para as elites.

Considero possível afirmar que a Escola de Artes e Offícios de Pelotas foi criada em um período de transição entre o assistencialismo que caracterizou o ensino de ofícios no século XIX e o atendimento ao mercado de trabalho e o fomento ao capitalismo industrial, consolidado a partir da década de 1930, com Vargas. Embora a função atribuída à instituição residisse na formação daqueles considerados desvalidos da fortuna, a sua existência em uma cidade do interior era motivo de grande agitação na imprensa. Isso pode ser percebido a partir das notícias mencionadas anteriormente e daquelas que podem ser encontradas em Oliveira (2012, 2020), bem como da existência de fotografias da instituição no Almanach de Pelotas e no Álbum do Centenário de 1922. A primeira publicação estava indiretamente ligada ao já mencionado PRR, pela vinculação de seu diretor, Florentino Paradedá. A segunda, também de cunho republicano, pretendia apresentar a modernidade pelotense através de imagens. Inicia-se, então, com a fotografia publicada no Álbum de 1922.

Figura 1: Edifício da Escola de Artes e Offícios em construção



Fonte: Álbum de 1922.

A figura permite vislumbrar, conforme orientação de sua legenda (Edifício da Escola de Artes e Offícios em construção), um prédio ainda inacabado, ladeado por andaimes que o rodeavam. A tecnologia atual permite que, ao aumentarmos o *zoom* sobre a imagem, possamos perceber a presença de quatro trabalhadores, dos quais dois encontravam-se sobre os andaimes e dois posicionados no chão. A qualidade da imagem, no entanto, não permite uma observação mais detalhada desses sujeitos, mas é possível afirmar que três deles, ao verem-se retratados, posaram para a fotografia.

A sua presença nessa imagem é secundária, no entanto, provavelmente para esses trabalhadores oriundos de classes populares, essa se constituía em uma oportunidade única de serem retratados para uma publicação em um periódico (Oliveira, 2020). Aqui verifica-se a contradição da valorização da instituição formadora para o trabalho, ápice da benemerência das elites para com a formação das camadas populares, materializada em seu prédio, e a invisibilidade dos trabalhadores que atuaram em sua construção. Percebê-los requer dar um *zoom* muito expressivo na imagem. Ali, não eram protagonistas, embora o prédio não poderia existir sem o empenho de suas mãos e o desvelar de suas habilidades como construtores. Nessa fotografia, o prédio é o objeto a ser retratado, sua construção, sua localização, a forma como atendiam aos requisitos de higiene, ventilação e iluminação conforme orientações tão presentes nas primeiras décadas do século XX.

Figura 2: Escola de Artes e Offícios



Fonte: Almanach de Pelotas de 1923.

A segunda fotografia (Figura 2) foi publicada no ano seguinte, ou seja, em 1923. O prédio, agora já finalizado, contava com porão. Além disso, alguns degraus levavam à porta de entrada. A arquitetura não era despojada, tampouco rebuscada como as dos prédios escolares que se localizavam no centro daquela cidade. A fachada principal contava com um frontão arredondado, abaixo do qual encontravam-se uma janela e uma porta. Ao lado do frontão, dispunham-se quatro janelas. A fachada lateral contava com 18 janelas, seguindo os preceitos de higiene que os prédios escolares deveriam ter em conta quando da sua construção. Cabe ressaltar que o fato de o prédio estar localizado em esfera urbana, sua aparência e destaque em relação aos demais constituía-se em elemento de representação do ideário de modernidade, o qual era amplamente difundido pela elite local, notadamente através da imprensa. No entanto, ainda que a escola estivesse em zona urbana, não ocupava um lugar central, o que pode ser percebido pela ausência de outros prédios no entorno. Tal localização corrobora a compreensão do papel social atribuído à formação das camadas pobres, as quais não ocupavam papel central na urbe e tampouco nas preocupações políticas locais.

3.2 O PATRONATO AGRÍCOLA VISCONDE DA GRAÇA: A FORMAÇÃO DOS DESVALIDOS DA FORTUNA

Como mencionado anteriormente, além da Escola de Artes e Offícios, também o Patronato Agrícola se constituiu em objeto de estudo de minha tese de doutorado. Assim como a Escola de Artes e Ofícios, a instalação de um patronato agrícola em Pelotas inseriu-se em um contexto de difusão dessas instituições pelo governo federal, as quais se encontravam em concordância com as preocupações educacionais das

primeiras décadas do século XX, de civilizar os cidadãos, notadamente aqueles oriundos das classes mais populares. Ambas as instituições inseriram-se em um contexto de transição entre o assistencialismo e a formação de mão de obra, instauradas com um intuito modernizador da sociedade.

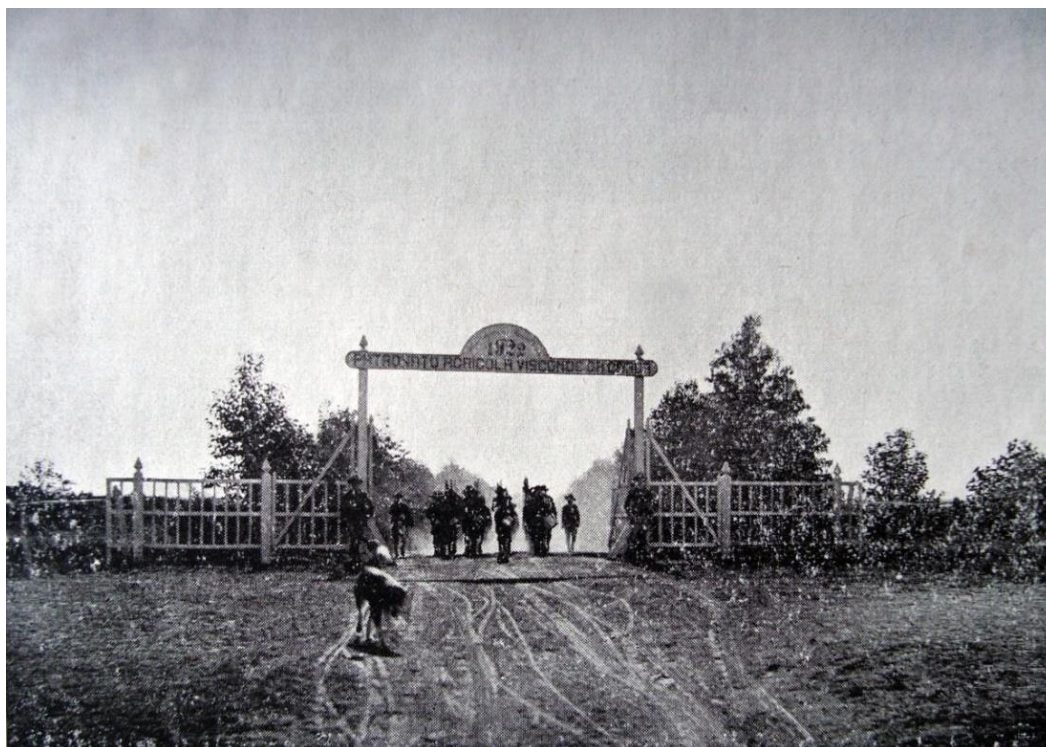
O estudo de Oliveira (2000, p. 2) pautou-se pelos relatórios do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, nos quais se propunha que “Os patronatos agrícolas integrariam o suporte organizacional para implementação da vertente do ensino profissional, que contribuiria para tornar mais frutuosa a produção agropecuária”. O autor segue: “Paralelamente, concorrerá para estabelecer o equilíbrio entre a população das cidades e a população dos campos; dever do governo era contribuir para aumentar a população rural e formar o verdadeiro agricultor brasileiro” (Oliveira, 2000, p. 2). Vicente (2008) ressalta que a população atendida era, costumeiramente, formada por órfãos e crianças pobres, considerados desvalidos de sorte.

Por meio do decreto de n.º 12.893, de 28 de fevereiro de 1918, o presidente da República e o Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio autorizaram a criação de patronatos agrícolas “para educação de menores desvalidos, nos postos zootécnicos, fazendas-modelo de criação, núcleos coloniais e outros estabelecimentos do Ministério” (Oliveira, 2000, p. 4). O Patronato Agrícola Visconde da Graça foi criado pelo decreto n.º 15.102, de 09 de novembro de 1921, e entrou em funcionamento em 12 de outubro de 1923.

Utilizou-se uma revisão de literatura para contextualizar a implantação dos Patronatos Agrícolas, ao mesmo tempo, contou-se com fontes oficiais, como os Relatórios Intendenciais, para promover um cruzamento entre fontes escritas e iconográficas. Foram identificadas informações relevantes no Relatório Intendencial de 1922, apresentado pelo então intendente Pedro Luis Osório, o qual noticiava as tratativas sobre a implantação da referida instituição de ensino na cidade. Ali se apresentaram importantes elementos, como o fato de o governo municipal ter cedido um terreno de 200 hectares, no qual foi instalada a instituição. Além disso, um pelotense ocupava o cargo de Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio durante o período de instalação e, por isso, foi sugerido pelo governo municipal que o patronato levasse o nome de “Visconde da Graça”, pai de Ildefonso Simões Lopes, o então ministro. A partir de 1923, a instituição iniciou o seu funcionamento, ainda no governo de Pedro Luis Osório.

Todas as imagens que objetivavam retratar o prédio do Patronato Agrícola Visconde da Graça de que se dispõe nesta pesquisa são oriundas do Almanach de Pelotas. Uma delas foi extraída da edição de 1928 e as outras da edição de 1934. Assim como foi mencionado, no que se refere à Escola de Artes e Offícios, a publicação de fotografias no periódico editado por Florentino Paradedda acena para a compreensão de que a formação da infância pobre reside no projeto de modernização social local.

Figura 3: Portão de entrada do Patronato Agrícola Visconde da Graça



Fonte: Almanach de Pelotas de 1928.

A primeira imagem do conjunto fotográfico constituído sobre a instituição a partir da publicação de 1928 (Figura 3) retrata o “Portão de entrada do Patronato Agrícola Visconde da Graça”. A simplicidade de seu portão de madeira remete à distância do centro urbano, a características da zona rural, tendo em vista que é bastante semelhante a um portão de fazenda. Ali visualizava-se o nome da instituição e o ano de 1922. As cercas de madeira e a vegetação atuam no mesmo sentido.

Embora a legenda indique que o objetivo da fotografia é retratar o portão de entrada, um grupo de estudantes trajando uniformes de escoteiros e ordenadamente organizados está presente. Os estudantes retratados corroboram a representação do ideário de formação cívica que, nesse contexto histórico, encontrava-se presente nesse tipo de instituição, a qual contou com uma Escola de Escoteiros. Tal fotografia remete, então, a três elementos, sendo que dois já foram mencionados anteriormente: formação profissional, assistencialismo e formação cívica, notadamente daqueles que se encontravam à margem da sociedade.

Figura 4: Uma das salas de aula do Patronato Agrícola “Visconde da Graça”



Fonte: Almanach de Pelotas de 1934.

Ainda que em 1928 o Almanach de Pelotas tenha apresentado o Portão de entrada do Patronato, foi em 1934 que foram publicadas as fotografias de uma sala de aula e de um dos dormitórios da instituição. A Figura 4 permite-nos perceber que ao menos a sala de aula retratada possuía dimensões provavelmente grandes, cuja entrada dava-se por meio de uma porta de duas folhas e contava com a luminosidade lançada a partir de uma grande janela, conforme os princípios higienistas preconizados na época. Wolff (2010), ao estudar a Escola Profissional Masculina do Brás cita as grandes salas de aula, iluminadas por grandes janelas, o que aponta para o fato de que salas de aula de grandes dimensões aparentemente foram uma constante na arquitetura escolar profissional.

A fotografia permite, também, observar elementos recorrentes na cultura material escolar, tais como uma série de mapas, que evidenciam a existência de uma formação propedêutica, além da profissional. Nesse período, tratava-se de ensino primário. Oliveira (2020) afirma que a presença de tais objetos indicava que as disciplinas de história e geografia provavelmente se encontravam no currículo escolar desses estudantes e ressalta que ambas as disciplinas, nesse período, eram consideradas espaços importantes de formação moral e cívica.

Assim como os trabalhadores que atuavam na construção do prédio da Escola de Artes e Offícios não eram o objeto a ser retratado, a presença dos alunos e do professor, se pensadas a partir da legenda atribuída pelo periódico, também não possuíam protagonismo na imagem. Os alunos, sentados em carteiras individuais, fixadas no chão, encontravam-se organizados em cinco fileiras, de onze alunos cada

uma, ou seja, a sala de aula contava com cinquenta e cinco estudantes. O professor situava-se ao centro, próximo da porta. Todos os estudantes e o professor olham para baixo, para suas atividades. Conforme Oliveira (2020), a composição da cena reflete a disciplinarização presente na escola, bem como a militarização, percebida pelo uniforme do docente, o qual remetia ao Exército. É importante ressaltar que educação e trabalho integravam e, talvez ainda integrem, uma representação social sobre regeneração.

Figura 5: Um dos dormitórios do Patronato Agrícola “Visconde da Graça”



Fonte: Almanach de Pelotas de 1934.

Nessa narrativa que partiu da entrada para as partes mais íntimas da instituição, temos a última fotografia do patronato publicada no Almanach de Pelotas de 1934, a qual retrata um dos dormitórios do internato (Figura 5). Na fotografia, nenhuma pessoa retratada, demonstrando que na imprensa, a materialidade predominava sobre os sujeitos, ao menos sobre os sujeitos que circulavam e que tiveram suas vidas atravessadas pelas instituições de educação profissional nas primeiras décadas do século XX. Anônimos nas fotografias anteriores e quase ausentes da Figura 5, são as dimensões do ambiente e o elevado número de camas que se destacam. O ordenamento e arrumação das camas, todas iguais, com a mesma simplicidade e o mesmo rigor. A disciplinarização percebida mesmo na ausência da humanidade, a higiene, a ventilação, a iluminação, os preceitos de saúde presentes: inúmeras concepções abarcadas em um recorte em duas dimensões.

Retoma-se a necessidade de pensar a fotografia como escolha e promover a problematização que é tão cara à área da História: talvez, no cotidiano daqueles estudantes, o dormitório perdesse os ares de tanta organização e, na pressa da vida de uma juventude caracterizada pela origem pobre, pela orfandade, nem todos os dias

as camas estivessem tão idênticas. Contudo, faz-se necessário refletir sobre o que o legado fotográfico diz acerca das instituições educativas: refere-se muito mais à constituição de uma identidade institucional, ou mesmo política, do que ao cotidiano que se levava a cabo em tais lugares.

Com relação à ausência de pessoas, a qual não é total: à direita da imagem, provavelmente situado entre quatro portas-janelas de cada lado, percebe-se uma antessala, a qual era fechada por grades de ferro. Ali há uma pessoa parada ao lado do gradil. Pode ser um professor, um servente, um aluno. A legenda, assim como as anteriores, não indica sujeitos. Destaca-se, ainda, que a fotografia ressalta a importância do internato como estratégia de atendimento às populações pobres. A possibilidade de distanciamento daqueles que não seriam hábitos adequados ao cidadão republicano se fazia no espaço institucionalizado.

Após a apresentação do estudo das fotografias das duas instituições de educação profissional anteriormente abordadas, abordam-se as possibilidades a partir de uma dissertação publicada na década de 1990.

4 POSSIBILIDADES DE ESTUDOS A PARTIR DA DISSERTAÇÃO “HOMENS DE PEQUENAS PROFISSÕES: A FOTOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOBRE O TRABALHO AMBULANTE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX”, DE RENATA AUGUSTA DOS SANTOS SILVA

Em 2023, a Profa. Dra. Maria Ciavatta organizou uma obra intitulada “Fotografia como fonte de pesquisa: da história da educação à história do trabalho-educação”. Entre os vários capítulos que compunham a obra, consta a análise da dissertação “Homens de pequenas profissões: a fotografia na construção de representações sobre o trabalho ambulante na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX” (Silva, 1998), que foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, por Renata Augusta dos Santos Silva, orientada por Ana Maria Mauad e defendida em 1998. Tal capítulo foi assinado por mim e por Clarice Schussler e denominou-se “Trabalho e fotografia: um estudo sobre o trabalho ambulante no Rio de Janeiro, durante a gestão do prefeito Pereira Passos”.

A referida obra nasceu de um projeto de pesquisa que elencou uma série de estudos que utilizaram a fotografia como fonte de pesquisa. A atribuição de tal dissertação para minha análise e para a análise de minha orientanda deveu-se ao fato de que, pautada na área da História da Educação, eu havia desenvolvido investigações sobre objetos situados na Primeira República. Ainda que tratando de um objeto diferente daquele que eu havia estudado até então, a autora da dissertação dedicou-se ao trabalho ambulante. Contudo, a sua seleção de fotografias de revistas ilustradas e fotografias oficiais era um elemento de aproximação com minha trajetória de pesquisadora.

Silva (1998) utilizou como fontes de pesquisa as fotografias publicadas nas revistas ilustradas da época (Fon-Fon, Careta, Revista da Semana e as fotografias produzidas pelo fotógrafo oficial da prefeitura, Augusto Malta). Nesse sentido, a autora

julgou necessário identificar a intencionalidade presente na produção daquelas imagens, as quais foram pautadas pelas práticas dos grupos sociais mais elevados. Logo, foi pela perspectiva dos editores, dos cronistas, caricaturistas e do fotógrafo Augusto Malta que a autora propôs-se a refletir acerca da construção de uma representação sobre tais trabalhadores, em um contexto de modernização e reformas urbanas que caracterizou as primeiras décadas do século XX, marcado pelas concepções de higiene e civilidade.

4.1 AS FOTOGRAFIAS OFICIAIS DE AUGUSTO MALTA

Inicia-se, então, pelas fotografias oficiais. Cabe ressaltar que as fontes oficiais ainda podem ser objeto de análise, especialmente porque podem ser-lhes atribuídas outras perspectivas, como o fez Silva (1998), que problematizou as representações dos trabalhadores ambulantes. Malta foi um fotógrafo cujo trabalho serviu como registro da cidade do Rio de Janeiro durante as três primeiras décadas do século XX. O acervo desenvolvido durante a gestão do prefeito Pereira Passos, em 1903, foi o objeto do estudo da dissertação analisada. Logo, entende-se que o *corpus* documental produzido pelo fotógrafo representava o discurso oficial, tendo em vista que Malta fora contratado para produzir tais imagens. Conforme os dados informados por Silva (1998), das 198 fotografias analisadas, apenas 57 contavam com a presença de ambulantes.

Figura 6: Casebres no Morro de Santo Antonio



Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Portal Augusto Malta, Rio de Janeiro, 2-8-1914, fotógrafo Augusto Malta.

A Figura 6 refere-se aos casebres no Morro Santo Antonio, de acordo com Martiarena (2023, p. 74):

Pelos caminhos entre as simples habitações, verifica-se a presença de várias crianças, tanto meninas como meninos. Próximo a elas, um ambulante ao lado de seu carro, instrumento fundamental para seu trabalho. Tanto as crianças pobres, como os demais integrantes desse espaço urbano que até então não possuía a organização considerada fundante para a modernização da cidade, como o trabalhador ambulante, são ao mesmo tempo invisíveis, por não serem dignos de uma menção na legenda, e visíveis, por constituírem-se em personagens inadequados à representação social da época.

No alvorecer do século XX, algumas cidades ganharam novas formas condizentes com o momento político em que estavam inseridas, ou seja, a República influenciava a nova cidade, emergida do período imperial, mas pronta para adaptar-se à modernidade republicana. Nesse espaço que se constituía, o ambulante não se enquadrava. Os casebres, as crianças pobres, representavam a persistência de um passado colonial e imperial, que então se considerava ultrapassado. A legenda pode indicar uma crítica? Possivelmente sim. Pelos espaços ocupados por tais sujeitos, inciar-se-ia uma higienização reformista, que transformaria a cidade e suas representações.

4.2 OS AMBULANTES NAS REVISTAS ILUSTRADAS

Embora as revistas ilustradas compartilhassem de um discurso semelhante ao oficial, ao mesmo tempo em que corroborassem para o ideário de modernidade urbana, eventualmente os ambulantes eram percebidos como pitorescos. Contudo, deve-se ter em conta que, a partir do estudo das seguintes publicações:

- a) Careta (1908 a 1920);
- b) Fon-fon (1907 a 1920);
- c) Revista da Semana (1903 a 1920).

Foram localizadas 56 fotografias nas quais apareciam os ambulantes, sendo que eram 15 na Careta, 13 na Fon-fon e 28 na Revista da Semana. Assim como nas fotografias oficiais e, mais ainda, assim como nas fotografias das instituições de educação profissional, os sujeitos retratados não eram o objeto da imagem e as legendas a elas atribuídas pouco ou nada acenam para a sua presença. A Figura 7, por exemplo, que atribui um papel pitoresco aos trabalhadores, foi extraída da Revista Careta e publicada no ano de 1908. Ela refere-se ao *lunch* dos estudantes às portas da Faculdade de Medicina.

No canto inferior direito, encontrava-se a vendedora, ao seu lado, são vistos vários estudantes, os quais trajavam terno e usavam chapéus. A mesa dispunha-se no centro, lá encontravam-se expostos os seus produtos. As práticas comerciais desenvolvidas por tais trabalhadores não foram extirpadas da sociedade no início do século XX, nesse sentido, Silva (1998) afirma que os vendedores ambulantes seguiram provendo a população de algumas de suas necessidades. A partir de seu estudo, a autora aponta para o fato de que tais vendedores eram, em sua maioria, escravizados e trabalhavam ao lado de brancos e imigrantes. Muitos eram homens, mas havia mulheres, como aquela retratada na Figura 7.

Figura 7: Careta, 10/10/1908, “A vida acadêmica”, “O lunch dos estudantes de Medicina, à porta da Faculdade”



Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

O trabalho ambulante inseriu-se na transição de uma sociedade que teve como base a escravidão por séculos e uma sociedade pautada em valores republicanos e de modernidade, em exigências acerca de um trabalho livre, mas que nasceu sob a égide de uma valorização pautada na sociedade escravocrata que a antecedeu. Nesse sentido, o ambulante não é protagonista da fotografia, mas se deixa ver, talvez por sua invisibilidade frente ao fotógrafo, talvez por ser considerado elemento constituinte da paisagem, ou talvez por atender às classes mais abastadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deve-se ter em conta o que fotografias são elaboradas cultural, estética e tecnicamente, como aponta Kossoy (2001). O autor considera fundamental a

compreensão dos referentes presentes na imagem a partir de um processo de construção da representação. Nem os trabalhadores ambulantes, nem os pedreiros que construíram a Escola de Artes e Ofícios e tampouco os alunos do Patronato Agrícola, oriundos das camadas populares, órfãos, expostos, jovens infratores são o foco das imagens. Fotografias permitem compreender como a educação profissional e o trabalho eram compreendidos durante o período estudado, permitem compreender quais concepções circulavam em espaços ocupados por pessoas de camadas mais elevadas, as quais acessavam o poder político, as quais possuíam órgãos da imprensa.

Sobre fotografias em períodos posteriores, notadamente produzidas na contemporaneidade desta escrita, pode-se pensar em uma pluralidade de origens e intencionalidades. As primeiras décadas do século XX, no entanto, foram marcadas por uma restrição na produção de imagens, especialmente por razões que se referem aos seus custos elevados. Ao trabalhar com fotografias publicadas na imprensa faz-se mister ter em conta algumas questões: a partir de quais períodos essas imagens circulavam? Quem as produzia? Qual a intencionalidade?

As fotografias oficiais requerem um estudo dos elementos vinculados ao posicionamento partidário, às ideologias envolvidas em sua produção, em qual motivação levou à produção daquelas imagens. A intencionalidade é um elemento cuja identificação é fundamental ao analisar qualquer tipo de fonte de pesquisa. Outrossim, destaco que qualquer fonte requer rigor metodológico e organização. A compreensão a partir do conjunto, o papel que o singular encontra no grupo, a descrição, a identificação dos detalhes, a materialidade, a circulação. A comparação com outras fontes e a contextualização, a compreensão a partir de diferentes pontos de vista permitem maiores possibilidades de análise.

Este artigo propôs-se a suscitar reflexões acerca da utilização de fotografias no estudo de instituições de educação profissional e de trabalhadores. Para tanto, os dois estudos abordados apresentaram elementos comuns e inseriram-se em um mesmo recorte temporal, período em que a modernização urbana e educacional era preconizada. As fotografias produzidas, naquele momento e em outros, são frutos de escolha, de seleção. Um objeto pode ser analisado a partir de sua presença e de sua ausência. Nesse sentido, as fontes iconográficas surgem como grandes possibilidades, notadamente em interlocução com outros tipos de documentos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In.*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 165-196.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In.*: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

CIAVATTA, Maria. **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento: a historicidade da Educação Profissional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

FABRIS, Annateresa (org.). **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

FONTCUBERTA, Joan. **El beso de Judas: fotografía y verdad**. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MAGALHÃES, Justino. **Da Cadeira ao Banco: Escola e Modernização (Séculos XVIII-XX)**. Lisboa: Educa & Uí&dCE, 2010.

MARTIARENA, Maria Augusta; SCHUSSLER, Clarice. Trabalho e Fotografia: um estudo sobre o trabalho ambulante no rio de janeiro, durante o governo Pereira Passos. *In.*: CIAVATTA, Maria *et al.* **A fotografia como fonte de pesquisa: da história da educação à história do trabalho-educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2023, p. 62-85.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. Educação profissional e formação dos “desvalidos da fortuna”: higiene física e moral em Pelotas – Brasil, durante as décadas de 1920 e 1930. **Revista LABOR**, Fortaleza, v. 1, n. 24, p. 415-431, jul./dez. 2020.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena. **Instituições e práticas escolares como representações de modernidade em Pelotas (1910-1930): imagens e imprensa**. 403 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

OLIVEIRA, Milton Ramon Pires de. Educar e regenerar: os Patronatos Agrícolas e a Infância Pobre na Primeira República. *In.*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., Rio de Janeiro, 2000. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2000.

SILVA, Renata Augusta dos Santos. **Homens de “pequenas profissões”: a fotografia na construção de representações sobre o trabalho ambulante na cidade do**

Rio de Janeiro no início do século XX. 160 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

SUREDA, Bernat. Consideraciones sobre el concepto de educación en las investigaciones históricas, **Mayurqa**: Revista Del Departament de Ciències Històriques i Teoria de les Arts, n. 17, p. 327-330, 1978.

VICENTE, Magda; AMARAL, Giana Lange do. Instruir, educar, vigiar e punir: o Patronato Agrícola Visconde da Graça (1923 – 1934). *In.*: Encontro de Pós-Graduação, 10., Pelotas, 2008. **Anais** [...], Pelotas, 2008.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. **Escolas para a República**: os primeiros passos da Arquitetura das Escolas Públicas Paulistas. São Paulo, SP: EDUSP, 2010.